

# O LUGAR DA FALA DO LUGAR DE FALA: SOBRE ESCUTA E TRANSVERSALIDADE

WHO SPEAKS ABOUT WHO SPEAKS: ON LISTENING AND TRANSVERSALITY

## RESUMO

A ideia de lugar de fala tem ocupado um papel crescente na organização dos discursos, da representação e da persuasão política. As práticas associadas ao lugar de fala dialogam com múltiplas outras ligadas às questões de identidade, de escuta dos outros e de espaço público. Ao mesmo tempo, ela desperta um emaranhado de afetos políticos e tem sido relevante para mulheres negras e outros grupos oprimidos subrepresentados na luta por maior visibilidade e maior respeito, como tem mostrado o trabalho de Djamila Ribeiro e outras pesquisadoras do campo. As exigências associadas ao lugar de fala dão vazão a muitos discursos que merecem ser considerados em sua convergência e dissonância. Este texto pretende trazer alguns desses discursos à tona e colocá-los em diálogo crítico. Ele reúne falas de diversos lugares e reportam como se escuta as vozes dessas personagens reais e imaginárias. Dessa maneira, é possível começar a pensar na relação entre lugar de fala e outras temáticas, a exemplo de: redistribuição da fala, o impacto e a seletividade da escuta, a infiltração do pensamento de outros, o direito ao dissenso e à diferença, o supremacismo branco masculino colonial, a articulação das paisagens políticas, a natureza da universalidade e a atenção às perspectivas.

**Palavras-chave:** Lugar de fala. Representabilidade. Visibilidade política. Perspectivas.

## ABSTRACT

The debate concerning who speaks and from which position one speaks has been increasingly pervasive and influential in the organization of discourses, of representation and of political persuasion. The practices oriented by representative speech dialogue with multiple other associated practices concerning identity, political meaning, public space and the efforts to listen. At the same time, it gives rise to several political affections and has been greatly relevant in the struggle of Black Women for greater visibility and greater respect, as shown by the work of Djamila Ribeiro and others. Further, the demands associated with the position of speech provoke a number of discourses and arguments that deserve themselves to be considered in their convergence and dissonance. This text intends to bring some of these elements to the fore and put them in friction. It gathers speeches from different places and reports how I listen to these real and imaginary characters. It is thus possible, in this way, to start thinking about the relationship between the question concerning who speaks

---

**Hilan Bensusan**

Professor-Doutor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: hilantra@gmail.com

with issues such as the representation of a discourse, the impact and selectivity of listening, the infiltration of others, the right to dissent and the right to difference, the colonial male white supremacy, the articulation of political landscapes, the nature of universality and the selective attention to perspectives.

**Keywords:** Position of speech. Representation. Political visibility. Perspectives.

### **Dramatis Personae:**

**MARIA MARIA:** Estudante de filosofia, interessada nas atitudes de Maria Bonita e em uma espécie de cangaço filosófico. Branca. Cis.

**JAMES:** Personagem de Imogen Binnie em *Nevada* (BINNIE, 2013) onde a personagem central depois de uma série de desalentos trans pega a estrada e conhece James em um supermercado em Nevada. Tenta persuadí-lo de que a fala dele deve já ter um lugar não-cis. Branco.

**ALICE WALKER:** Autora e personagem do conto “Apresentando Luna a Ida B. Wells”(WALKER, 1981, p. 95-114) onde encontra Luna, uma militante branca pelos direitos civis negros. Luna foi estuprada no sul dos Estados Unidos quando fazia campanha com as populações negras. Negra. Cis.

**PATRÍCIA MIXTURADA:** Vendedora ambulante de ervas e temperos, saiu de sua cidade no interior de Minas rumo a São Paulo onde conseguiu ter uma casa com um jardim que é quase mato e onde começou sua transição. Negra. Trans.

**LUCIA GARRIDO:** Personagem de *Heráclito – Exercícios de Anarqueologia* (BENSUSAN; ANTUNES; FERREIRA, 2012), texto no qual ela conta como conheceu e conviveu com um filósofo sem etiqueta e muito velho. Cis.

**CURUCU:** Filósofo e puta eventual, Curucu é militante pelos direitos dos animais, em particular pela destruição dos abatedouros. Negro. Trans.

**MANUELA DAD:** Escritora e militante contra o aquecimento global. Vítima de uma bala perdida em um tiroteio perto de onde morava, ela começou a escrever mantendo uma correspondência com a pessoa negra que foi acusada de disparar o tiro e presa. Branca. Cis.

**RACHEL DOLEZAL:** Ex-coordenadora regional da *National Association for the Advancement of Colored People*, teve sua vida revirada quando seus pais biológicos brancos foram revelados. Inspirou a ideia de um transracionalismo proposta por Rebecca Tuvel (TUVEL, 2017). Cis.

**COLMAN:** Personagem de Jackie Kay em *Trumpet* (KAY, 1998) onde é filho adotado de um músico de jazz trans que acaba de morrer e ter seu corpo exposto. Colman não sabia que seu pai, Joss Moody, era trans porém sabia que era seu pai adotivo. Cis.

**ANTONIN ARTAUD:** Escritor e experimentador, foi internado em um sanatório para distúrbios mentais de onde construiu uma imagem da humanidade procurando fazer dos corpos organismos. Branco. Cis.

**MONIQUE PRU:** Travesti andarilha, foi também internada algumas vezes em sanatórios públicos – recentemente começou a falar para explicar porque não fala. Nunca se separa de seus trinta coelhos. Negra. Trans.

**EQUUS:** Cavaleiro. Na juventude, foi curado de uma paixão por um cavalo. Inspirou um filme de Sydney Lumet (*Equus*). Pretende se casar com Monique Pru. Branco.

**EMMANUEL LEVINAS:** Filósofo, interessado na santidade do Outro. O Outro não cabe nas descrições, elude o discurso do saber e não pode ser capturado senão em um gesto de violência. Branco. Cis.

**HERCULINA BARBITÚRICO:** Personagem de “Em cima do Morro dos Prazeres eu me monto Herculina Barbitúrico” (BORGES & BENSUSAN, 2010), andarilha e ex-seguidora de Jodorowski fez aparição no Museu da República em Brasília no Eixo do Fora de 2017 onde foi golem. Trans. Inter. Vermelha.

**ALINE VALÉRIO:** Militante transfeminista e do movimento negro, trabalha em programa de redução de danos junto à população que mora na rua. Interessada na ideia de que todo mundo reduza os danos que fazem aos demais. Negra. Trans.

**JOTA MOMBAÇA:** Cientista social e artista, é uma bicha atraída pela monstruosidade. Performa e escreve sobre uma descolonialidade kuir e mobiliza muitas vozes em favor das alternativas à cisgeneridade.

**RIKI WILCHINS:** Teórica e militante trans, cofundadora da *Transexual Menace*. Envolvida com a luta por uma aliança ampla contra os sistemas de opressão de gênero. Branca. Trans.

**LUCCI LAPORTA:** Travesti e teórica transfeminista, milita no meio parlamentar, acadêmico e nas ruas. Considera seu engajamento partidário relevante. Branca. Trans.

**ALÚRIO:** Profissional da noite, raramente coincide com o sol – desde pequeno tem horror à clareza do sol, prefere a penumbra à luz. Branco. Trans.

**PATRICIA TOMASQUIM:** Militante pelos direitos humanos, participa de conselhos públicos e organiza redes sociais e associações entre grupos marginalizados. Representa os judeus em alguns desses conselhos. Cis.

**DUDA MILONGA:** Sacerdotisa sufi e cartomante; divide um apartamento com Alúrio com o qual promove as *sai-batinas bruxas* toda sexta-feira. Negra. Trans.

**LELIA GONZALEZ:** Filósofa e antropóloga, fundadora do Movimento Negro Unificado. Escreveu, com Carlos Hasenbalg, *Lugar de Negro*. Preocupada com a saúde de quem resiste a um regime de má distribuição de falas. Negra. Cis.

**DJAMILA RIBEIRO:** Filósofa, tem escrito sobre lugar de fala como um conceito e como uma causa. Milita no movimento negro. Negra. Cis.

**GAYATRI SPIVAK:** Filósofa, interessada nas dinâmicas da razão pós-colonial, a partir do contraste entre a palavra escrita e a interlocução da fala, se pergunta como pode uma voz subalterna ter seus termos para falar e algum ouvido para reverberar. Cis.

**AUDRE LORDE:** Poeta atraída pelas capacidades de contágio e de reinvenção da conexão erótica; o erótico é a parteira que consegue dar a luz ao que merece o nome de conhecimento. Negra. Cis.

**LEILA DE OXUMARÉ:** Trabalha em uma editora de livros sobre a cultura preta brasileira, é mãe de santo de um terreiro ao lado de uma igreja católica e rodeado pelo mar do Recôncavo Baiano. Negra. Cis.

**GEORGES BATAILLE:** Filósofo, guiado pela soberania e pelo excesso. Entende que o excesso é inevitável e que gastá-lo ou exorcizá-lo é sempre provisório – há sempre uma dose extra dele, que tudo recebe a cada instante. Branco. Cis.

**SHALTIEL ABRAVANEL:** Personagem de Amós Oz em *Judas* onde foi tomado por traidor por pensar em construir um estado sem identidade para os judeus. Oz estuda no livro *Judas* e a traição. Cis.

**THIAGO PINHO:** Estuda teatro e ciências sociais, mantém um blog, *soteroprosa*, e pesquisa como os discursos compõe estatutos e disputas políticas.

**TATIANA NASCIMENTO:** Poeta e militante dos movimentos de dissidência, co-fundadora da editora *Padê*; dar voz a pretas, sapatas e transgressoras é uma maneira de construir a outra linguagem que fica insinuada nos silêncios forçados. Negra. Cis.

**JULIO CABRERA:** Filósofo, anti-colonialista e anti-natalista. Investiga a filosofia do continente latino-americano explorando sua centralidade na história do pensamento – com ramificações na Europa a partir do século XIX. Branco. Cis.

**DELGÁRIA SABINA:** Moradora de rua, dependente química e pedinte. Ela circula entre as vizinhanças das farmácias, procura não passar mais de três dias ao redor de cada uma. Ex-presidiária. Branca. Trans.

**JACQUES RANCIÈRE:** Filósofo, procura articular o caráter político e o caráter policial do que é sensível. Branco. Cis.

### O lugar de fala do lugar de fala

Maria Maria (*me diz assim:*) Vou comentar hoje algo que me aconteceu: Fui apresentar o esboço do meu projeto de monografia, um texto ainda em construção, envolvendo *A Cidade das Damas*, de Christine de Pisan, e Maria Bonita. A plateia só de alunos. A única professora é a que me orienta. Foi bem recebido pelos alunos. Eles foram bem generosos. Mas a mediadora fez um comentário tão preconceituoso, que até agora estou me perguntando se negro só estuda negro; mulher só estuda mulher, e, no meu caso, nordestino só estuda nordestino. Ela disse: “adorei te ouvir. Seu trabalho tá muito bom, mas nem precisa perguntar porque você escolheu esse tema; porque você tem todos os traços, a fala e todo o jeito de nordestina!” A única coisa que faltou ela dizer foi: só falta você ser bonita. Minha orientadora ficou possessa. O ambiente aqui é hostil se comparado às apresentações que fiz em Ilheus, João Pessoa... Se bem, que não consegui terminar “Pensamento Negro Contemporâneo” porque quando eu ia falar, as cabeças viravam e só faltavam dizer: o que essa branquela sabe sobre negros?!!

James (*me diz assim:*) Era um plano mirabolante mas muito vago. Eu não queria transição. Aliás a maior parte das mulheres reais raramente usam vestido. Eu não me achava trans. Eu só queria usar vestidos. Aí a Nicole apareceu. *Ela se sentava seu rabo no meu colo e eu ficava com o peru duro e dizia, talvez essa coisa de autoginefilia é só uma coisa de criança e agora eu poderia ser um homem. O que parecia de muito mau gosto. [...] E depois, como eu ia conseguir vestidos? Não poderia encomendar vestidos, como eu saberia os tamanhos? Eu tinha que ter minhas medidas. Mesmo se eu apostasse que meu tamanho era grande, eu poderia ter a maior decepção do mundo ao testar essa teoria* (ver BINNIE, 2013, p. 155-156).

Alice Walker (*me diz assim:*) *Foi na época em que vivíamos na Rua 9 Leste que ela me contou que havia sido estuprada durante aquele verão no Sul. É difícil para mim, até hoje, escrever o meu sentimento de horror e incredulidade. Isso foi algum tempo antes de Elbridge Cleaver escrever sobre o estuprador revolucionário. (WALKER, 1987: 101) [...] De repente me senti envergonhada. Depois com raiva. Muita, muita raiva. Como*

*ela tem coragem de me contar isto! Pensei. Quem sabe o que uma mulher negra pensa sobre o estupro? Quem já perguntou a ela? Quem se importa? Quem, ao menos, tem o conhecimento correto de ela e não a mulher branca é, nesta história, a vítima mais provável para um estupro? Sempre que se fala de um estupro inter-racial, o primeiro pensamento de uma mulher negra é o de proteger a vida de seus irmãos, seu pai, seus filhos, seu amante. (WALKER, 1987, P. 102-103) [...] Antes que ela me contasse sobre o estupro, eu achava que a nossa seria uma longa e duradoura amizade. O tipo de amizade que uma pessoa sonha em ter com outra que conhece na adversidade; debaixo de calor e mosquitos e imaturidades e ameaças de morte. Viajaríamos e nos escreveríamos dos três cantos do mundo. [...] Mas agora havia um esfriamento na afeição que sentíamos uma pela outra. Luna estava começando a ficar ligeiramente interessada em drogas, porque todo mundo que nós conhecíamos estava. Eu sentia inveja da descontração de sua vida. Do suporte financeiro (WALKER, 1987, p. 105). ).*

Patrícia Mixturada (me diz assim:) Eu não posso falar no meu nome. Minha palavra está quase sempre no armário. Minha palavra. Meu rosto está no armário. Meu corpo é abjeto demais para poder ter uma opinião. O que vocês querem que eu faça? Que eu me retire como uma aberração e deixe o palco para os brancos, os cis, os hetero, os disciplinados? Ou querem que eu tenha razão? Pois eu quero ter razão nisso: tenho palavra, desconfiem vocês ou não, e não vou deixar ela no armário. Não vou deixar que meu corpo se cale. Minha voz ela mesma afeta, distorce, retorce, desarma e atormenta a inteligibilidade dominante. Nem é o que eu falo, é que eu fale. Eu tenho que falar. Mesmo fora do lugar.

James (me diz assim:) Mas porque ela insiste que eu sou como ela? Deve ser alguma coisa que meu cérebro errado não consegue pensar. Ela diz que sabe do que está falando, mas por que ela sabe que está falando por mim? Os corpos estranhos não são lugares, são faltas de lugar e faltas de lugar não são lugares. Eu escuto o que ela diz, ela diz que quer me ajudar a ser o que eu sou. Se ela tiver toda essa heroína que ela diz que tem...

Alice Walker (me diz assim:) Essa é a “história”. Ela tem um final “não resolvido”. Talvez porque Freddy Pie e Luna ainda estejam vivos, como eu. Contudo, uma noite, enquanto conversava com um amigo, eu me escutei, dizendo que eu havia, na verdade, escrito dois finais [para a mesma história] [...]. Eu digo que se nós vivéssemos de fato em uma sociedade comprometida com o estabelecimento da justiça para todos (“justiça”, neste caso, compreendendo o direito igual à moradia, educação, acesso ao trabalho, adequado tratamento de dentes, etc.), colocando, portanto, Luna e Freddie Pye na correta relação [...]de companheiros, então os dois se esforçariam juntos para compreender o que o estupro dela por ele significou (WALKER, 1987: 108).

Lucia Garrido (me diz assim:) A desconfiança estreita nosso campo de ação; constrói uma mentalidade defensiva; com esta procuramos alguma coisa que seja nossa e cerramos fileiras a fim de defendê-la. Tipo um grupo, uma raça, uma classe, uma identidade...

ninguém precisa ser fiel a grupo algum para estar em uma parceria política confiável. Confiar em alguém é confiar em suas escolhas políticas; talvez não possamos evitar o tortuoso e multifacetado trabalho de manejo das nossas relações de confiança adotando um atalho de identidade. O atalho de identidade é a tentativa de compensar a incerteza acerca da ação das outras pessoas por meio de regras compulsórias associadas aos compromissos políticos da cor da pele, da genitália, dos hormônios sexuais, de sua posição na produção ou qualquer outra catraca. Quando uma militante do movimento negro decide não participar de um ato, uma nova negociação de confiança pode ser necessária-- o atalho seria chamá-la de traidora de sua própria causa. Os elos entre as pessoas podem parecer mais simples se elas estão conectadas por um compromisso natural comum; não parece que precisamos mergulhar nos espinhosos detalhes de como as identidades são construídas nos olhos de quem nos vê. Por vezes, suspeito que procuramos atalhos porque estamos em busca daquilo que pode ser facilmente comandado, o qual está disponível como a um botão para ser apertado.

Alice Walker (me diz assim:) Anos depois, estou em Havana e converso com um amigo muralista. *Ele me diz que não havia nada demais nos meus dois finais de história. Ele disse: A sua visão da fraqueza humana é muito bíblica. [...] Seu “Freddie Pye” – e ele riu – provavelmente estava violentando mulheres brancas por ordens do seu governo. [...] Mas, eu disse, mesmo se Freddie Pye tivesse sido contratado por alguém para violentar Luna, isso ainda não explica sua segunda visita. – Provavelmente nada vai explicar isso – falou Nosso Muralista – Mas supondo que Freddie Pye tinha sido pago para destruir – através do estupro de uma mulher branca – a luta negra no Sul, ele pode ter compreendido o suficiente, mais tarde, para saber o que significou a decisão de Luna de não gritar. Então você está dizendo que ele tinha uma consciência – Eu perguntei. – Talvez -, ele disse, mas seu olhar claramente implicava que eu nunca entenderia nada sobre a maldade, o poder ou a corrupção dos seres humanos no mundo moderno. Mas é claro que ele estava equivocado (WALKER, 1987, p. 113-14).*

Lucia Garrido (me diz assim:) A confiança não se nutre de checagens e garantias e promessas e testemunhas e obrigações morais ou materiais. Desconfiar é requerer segurança; a segurança pela qual perigamos pagar mais de apólice do que o valor do que queremos segurar. A confiança sobrevive aos requisitos de segurança, e, no entanto, perde um pouco da sua intensidade e sai com a tinta erótica de que é feita arranhada. Subverter não é confiar sempre--em nossa sociedade subverter nem pode ser subverter sempre. Mas subverter parece estar próximo do esforço de criar novos espaços de confiança, os quais, por sua vez, parecem germinar alguns novos espaços de liberdade. Diferentes mapas da confiança podem ser melhor atingidos se espalharmos confiança. Entre diferentes, as relações de confiança dão mais trabalho: não há alianças naturais, não há inimigos comuns que estabelecem a agenda, não há regras insinuadas pelo corpo. Cada relação de confiança surge com suas diferenças: não há atalho. Instituir uma ação pelas diferenças não pode ser, contudo, ignorar que as identidades são o instrumento do mestre; que o nosso regime de supremacias discrimina grupos de identidade em

favor de outros e que este é um instrumento que contribui constantemente para deixar a casa em pé. Mas confiar não é deixar as casas prontas; confiar é confiar. Não deixa nada pronto. Oxum é sábia e não precisa de hidroelétricas.

Curucu (*me diz assim:*) O desejo é que subverte. Quem deseja o que não se deseja inventa. Desejo é invenção, mesmo quando tenta ser simulacro e passar despercebido como mais do mesmo, mais do que mandam papai, mamãe e a pornografia oficial. O desejo que subverte ainda mais é o desejo dos outros. O desejo sem os outros fica no horizonte do meu próprio desejo. Nada mais que o mesmo, do mesmo acerca do mesmo. O melhor é o desejo interrompido: o sexo das outras. Quem sabe o desejo das outras é o macho que sabe o que a mulher quer – e a mulher que deseja o que ele quer que ela deseje porque sabe o que ele quer. Esses acoplamentos são o mito fundador da ordem heterocispatriarcal. Mas fora desse mito, não tem acoplamento. O desejo das outras é o que ninguém sabe. Mas quem vai falar por nós, pelas bichas, pelas travecas, pelas trans todas? Uai, eu falo. Lugar de fala. Isso sempre me parece arma de guerra: falar em nosso nome. Mas a guerra é necessária. Alguém tem que falar em nosso nome, gritar, abrir espaço.

Manuela Dad (*me diz assim:*) Nem tudo é guerra. Há também política. Em guerra, não podemos confiar nos homens. Eles não podem ser feministas. Mas em política, há o espaço da blasfêmia. Eu chamo de blasfeminismo. No espaço da blasfêmia, feministas são os homens, e só os homens podem ser feministas, porque só eles podem ir contra si mesmos, contra um sistema que é feito para eles. O filho do milionário de Pocilga que vai dormir com os porcos, ele faz política. Até mais do que os filhos dos operários, que fazem, muitas vezes, só guerra. Política é conversão, contágio, contaminação. Política se faz com guerra também, mas política não é guerra. Os homens, só eles, podem abandonar seu lugar de fala machistas. Quando abandonam, quando são interrompidos é que fazem política. Gosto quando as mulheres trans se unem e falam em uníssono, me sinto numa trincheira pelo meu corpo, pelo que eu quero. As pessoas cis não entendem muita coisa – mas, quando entendem, entendem interrompidas. Gosto desse momento em que não somos só egos maciços. Se formos sempre egos maciços, para que política? É só guerra, cada um em um quadrado e quem tem mais força prevalece. E, na guerra, as pessoas cis vão sair ganhando. As pessoas cis transfóbicas apenas se defendem, como os homens machistas apenas se defendem. Mas política é infiltração no meio do que é mais maciço nos egos. A política começa com os outros. O que me interessa são as pessoas cis, que não se defendem a si mesmas, por que aí há um projeto de futuro: quando eu deixar de ser nós e virar os outros. Não há política quando eu mesma sigo sendo eu mesma – e faço uma trincheira para isso. A política é feita de traições ao que é próprio, propício, propriedade de alguém. É claro que desconfiamos dos traidores – mas desconfiar dos traidores não deixa a política mais intensa, ao contrário, deixa a política menos política. A política é feita de blasfêmia, de inesperado, de lugares incomuns... é a blasfêmia que são os outros que fazem com que a política não seja uma técnica.



Rachel Dolezal (*me diz assim:*) Eu nunca disse que a adoção de uma identidade vale mais do que o ônus do não se escolhe. Eu nunca defendi a blasfêmia como ainda mais política. Mas digo que a adoção ou a filiação não importa... (ver DOLEZAL, 2017)

Colman (*me diz assim:*) Meus pais me adotaram. Eu sempre soube e nunca quis saber quem eram meus pais biológicos. Não me importava. O que importava é que meus pais haviam me adotado, eles tinham me adotado. Eu era adoção deles. Meu pai, se ele foi uma mulher cis no passado, também não me importa. A biografia não é feita de biologia, me disse assim Ortega y Gasset. A biografia é feita de escolhas, uma a uma, de incumbências, de respostas, de adoções. O que importa é que meu pai adotou a identidade dele; adotar não é mentir. Adotar é uma fidelidade política a sua biografia.

Rachel Dolezal (*me diz assim:*) Eu me sinto politicamente negra, sempre me senti assim, desde que a política entrou na minha vida quando eu tinha poucos anos e convivía com meus pais biológicos brancos e meus irmãos adotados negros. A biologia deve ser que vem antes da política... mas a política chacoalha a biologia. Eu escolhi ser negra por uma decisão do meu corpo diante da conflagração de raças que eu encontrei ao meu redor. Nunca me passou pela cabeça que a biologia importasse tanto assim. A biologia pode ser tudo – e o racismo não faz outras perguntas senão as de filiação e de fenótipo, mas ser negra não pode ser apenas o que o racismo determina. Eu sou negra igual, nem mais nem menos, minha biografia foi se tornando mais e mais negra. E era deste lugar de fala que eu falei por muitos anos.

Antonin Artaud (*me diz assim:*) Ali onde não há nada que se perceba a si mesmo como sendo alguma coisa, ali está o corpo.

Monique Pru (*me diz assim:*) Não há lugar de fala. Há quem fala, e quem não consegue falar porque está sempre fora do lugar. Se ninguém sair do seu lugar, nunca nada vai deixar de ser como é – gente falando por si mesmo, pelos seu corpo, pela sua história. O lugar de fala é como uma tatuagem, não sai, não importa o que você fala. O lugar de fala deixa um cheiro ruim na fala. Odeio. Odeio a fala porque ela é marcada, tatuada, cartografada – parece que está sempre pronta, mesmo que se fale de outra coisa. Eu prefiro deixar a fala para os higiênicos, para os posicionados nesta ordem racista, cis, hétero. Eu queria mesmo era um zumbido, um urro, uma glossolalia, uma onomatopéia. Eu quero meu lugar de zumbido!

Equus (*me diz assim:*) Eu fui arrastado outro dia para uma discussão sobre orientação sexual como uma opção. Se fosse uma opção, muitos se sentiriam liberados do que parecem prisões, sociais, genéticas, o que for. Mas o que significaria uma orientação sexual que fosse uma opção? Se preferências sexuais são entendidas como mais ou menos fixas, podemos supor que a opção fosse tomada mais ou menos de uma vez por todas, ou pelo menos não todos os dias, porque se fosse tomada todos os dias não se poderia falar de uma orientação. Então, a opção seria algo que permanece, que não se pode mudar

(muito), mesmo que tenha começado com uma opção. Mas como seria este cenário? Ele envolveria mais autonomia: nós seríamos imunes à sedução do resto do mundo, deixaríamos de estar abertos ao cosmos por meio da estrutura mesma do desejo. A falta de autonomia é o que traz a falta dessa imunidade; a falta de imunidade deixa o desejo capaz de interromper. Sem interrupção, estaríamos cada um no seu pequeno mundo, seguindo suas determinações, por mais escolhidas que tenham sido. Se orientação sexual fosse opção, estaríamos seguindo ordens, todo o tempo – ordens de nós mesmos. E nada no mundo interromperia esta disciplina. Seguir ordens, talvez do nosso próprio corpo. Mas se o meu corpo é uma exceção, uma clinamen, um desvio – bem, não há mais ordens para seguir; nem há verdade alguma entre meus hormônios, endorfinas, estrogênios, testosterona, intensidade e músculos. Não há nada de organizado, nem sequer um carrossel de substâncias químicas carregando verdades.

Curucu (me diz assim:) *Lugar de fala não é invenção, invenção é falar do lugar dos outros. Os outros me interrompem, paralisam minha agenda e então eu tenho que decidir o que fazer, tenho que inventar o que fazer. Eu não posso mais na minha agenda, minha agenda foi ferida. Ferida da agenda dos outros. Aí começa um processo muito diferente, um processo onde eu não sou mais apenas uma voz, sou também ato falho, engasgo, porque tenho uma fragmentação. O que posso fazer pelos outros? Não tem limite. Posso entregar minha vida. Na minha vida é onde há política. Na minha agenda interrompida.*<sup>1</sup>

Emmanuel Levinas (me diz assim:) O lugar de fala é um grilhão, uma cadeia. Parece que minha aderência ao meu corpo é completa, eu apenas falo em nome dele. Mas o corpo é pura susceptibilidade. Falar a verdade é aceitar a servidão, aceitar que estou preso, que não posso falar senão aquilo que meu corpo me manda. A verdade está toda dentro de si, basta aceitar o evangelho de si próprio que a verdade transparece. A verdade é apenas minha sinceridade, a sinceridade do meu lugar. O lugar de fala é uma cadeia, um campo de concentração. Ou pior, é o trem de passageiros que passa pela estação de Auschwitz. É cuidar da própria vida. Eu não me importo com essa verdade. A justiça não a atravessa. A justiça não a interrompe. Só quando a verdade para diante da justiça – o lugar da escuta, da escuta de quem pode ter a certeza, o consenso, a verdade – é que surge a responsabilidade e, com ela, a invenção, o investimento da liberdade.

Equus (me diz assim): O lugar de fala é solo, e sangue.

Herculina Barbitúrico (me diz assim:) A fala desde um lugar de fala é um grunhido. Mesmo que seja um grunhido sufocado, quase calado. Não basta que ele seja amplificado, ele tem que ser ouvido. Amplificar alguns lugares de fala é um atalho para não ter que escutá-lo. Mas é um atalho que perde o processo no caminho. Eu tive que inventar meu lugar de fala – com fala, com o corpo, com um monte de cirurgias, de ebós, de psicomagias, de demências, de me fazer de bocó. Tive que grunhir, o grunhido tem uma força que as palavras as vezes não conseguem alcançar.

<sup>1</sup> Depoimento em espaço público.

Aline Valério (*me diz assim:*) O lugar de fala é meu ponto de partida, como minha casa, o lugar de onde saímos. Uma casa não é uma prisão. Mas uma casa que se torna um destino – origem é destino – se torna uma prisão. Eu quero que se foda de onde eu parti. Minhas palavras, elas mesmas, é que tecem meus atos e meus desapegos. Minha casa é só minha casa, não é um grilhão. Não é uma prisão. Eu começo a pensar do meu corpo, mas meu corpo, ele mesmo, não tem limites, começa na minha pele e se estende até os confins do que não tem fim. E é interpelado por muita coisa. Demandado. Ele sofre irrupções. Lugar de fala não é o grunhido do corpo, é uma perspectiva.

Jota Mombaça (*me diz assim:*) *Muito se fala sobre como o lugar de fala tem sido apropriado de modo a conceder ou não autoridade para falar com base nas posições e marcas políticas que um determinado corpo ocupa num mundo organizado por formas desiguais de distribuição das violências e dos acessos. O que as críticas que vão por essa via aparentemente não reconhecem é o fato de que há uma política (e uma polícia) da autorização discursiva que antecede a quebra promovida pelos ativismos do lugar de fala. Quero dizer: não são os ativismos do lugar de fala que instituem o regime de autorização, pelo contrário. Os regimes de autorização discursiva estão instituídos contra esses ativismos, de modo que o gesto político de convidar um homem cis eurobranco a calar a boca e pensar melhor antes de falar introduz, na realidade, uma ruptura no regime de autorizações vigente. Se o conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas. Assim, quando os ativismos do lugar de fala desautorizam, eles estão, em última instância, desautorizando a matriz de autoridade que construiu o mundo como evento epistemicida; e estão também desautorizando a ficção segundo a qual partimos todas de uma posição comum de acesso à fala e à escuta (MOMBAÇA, 2017).*

Herculina Barbitúrico (*me diz assim:*) Mas é precisamente isso que se quer: o lugar de escuta. Ou ainda, o lugar de resposta. Como chegamos no lugar da resposta? É preciso que uma palavra seja uma palavra, que não seja um silêncio ruidoso. É a palavra que fala, é ela que desmonta a ordem epistemológica hétero, cis, branca, masculina. Mas ela fala para uma escuta. Para uma resposta. E a resposta está cheia de contingência, ela é o infinito de uma dívida. O infinito de uma dívida e uma resposta.

Riki Wilchins (*me diz assim:*) *Eu não tenho interesse em ser parte de um movimento transgênero ou transsexual cujo único propósito é o de fazer um lugar na Grande Mesa e nos servir de uma outra dose da Torta Identitária, deixando com isso outros grupos, mais marginalizados ao léu, carregando sua batalha sozinho. Eu estou interessada no gesto cultural original de regular e conter o que o teu corpo e o meu podem significar, ou falar, ou fazer. O propósito do movimento de liberação de gênero para mim é não apenas o de resgatar e aclamar essas pessoas as vezes referidas como “de gênero transgressivo”, esses espécimens inevitavelmente sem lugar no zoológico binário [...] É também sobre a líder de torcida de desessete anos no meio oeste cuja saúde está destruída de anorexia,*

porque ‘mulheres reais’ são supostamente sobrenaturalmente magras. [...] É sobre trabalhar para que todas e cada uma de nós esteja liberta da mais perniciosa, divisiva e destrutiva insanidade chamada opressão de gênero (WILCHINS, 1997: 87-8).

Jota Mombaça (me diz assim:) A questão ainda não é sobre “quem”, mas sobre “como”. No limite, o que vem sendo desautorizado pelos ativismos do lugar de fala é um certo modo privilegiado de enunciar verdade, uma forma particularizada pelos privilégios epistêmicos da branquitude e da cisgeneridade de se comunicar e de estabelecer regimes de inteligibilidade, falabilidade e escuta política. Não é que brancos não possam falar de racismo, é que eles não poderão falar como brancos: isto é, como sujeitos construídos conforme uma matriz de produção de subjetividade que sanciona a ignorância, sacraliza o direito à fala, secundariza o trabalho da escuta e naturaliza a própria autoridade. Isso significa também o fato paradoxal de que eles não poderão falar como se não fosse brancos, isto é: apagando as marcas da própria racialidade e agindo como se os privilégios da branquitude não fossem coextensivos aos sistemas de opressão das vidas e vozes não brancas (MOMBAÇA, 2017).

Lucci Laporta (me diz assim:) Falar de lugar de fala traz a necessidade de dar oportunidade para que possam ser escutados os que até então foram humilhados, tratados com negligência pelos sujeitos políticos, ignorados. Nunca neguei a importância do debate. O problema é que, quando se torna não só importante, mas fundamental a questão da identidade de quem fala, incorre-se numa verdadeira despolitização do debate. A autoridade do locutor se exerce pela forma, não pelo conteúdo. Se exerce pela aparência, pela identidade, que muitas vezes não acompanha o domínio do tema. É preciso honestidade e, principalmente, responsabilidade de quem quer falar pelo coletivo, assim como exigimos honestidade e responsabilidade dos que sempre tiveram a fala assegurada em base ao privilégio racial, patriarcal, hetero-cisnormativo. Além disso, é preciso lembrar que o locutor sempre terá um interlocutor. Assim, se o objetivo da fala não é simplesmente falar aos seus, falar a quem já está do seu lado, essa fala precisa ser feita pensando em como melhor atingir o sujeito a que se objetiva chegar. É preciso que seja estruturada, também, sabendo que interlocutores não são meramente passivos, são pessoas que vão querer expressar discordâncias e que, se forem feitas de forma respeitosa e sensível, precisam ser consideradas.<sup>2</sup>

Jota Mombaça (me diz assim:) A noção de saberes situados precisa começar a servir para que pessoas brancas se situem de sua branquitude, pessoas cis de sua cisgeneridade, e por aí. Quero dizer: o modo como essa categoria entrou na nossa vida acadêmica e política acabou por refazer os mecanismos de hipervisibilização da experiência subalterna, criando um lastro para que a posição de politicamente oprimido fosse, enfim, narrável como uma forma de conhecimento. O problema fundamental disso é que, por meio dos saberes situados, aprendemos a falar de como o mundo nos fode, de como as relações de poder nos precarizam, mas não abrimos a possibilidade de situar-nos também em

<sup>2</sup> Texto publicado em uma rede social.

*nossos privilégios, em nossos modos de estender a duração da ruína que é este mundo. Quero dizer: nos últimos anos temos tido a chance de aprender a falar sobre os efeitos de subalternidade que envolvem nossa experiência com o mundo, mas infelizmente esse trabalho não foi coextensivo ao de revelação dessas posições de poder cujo sentido da existência é inseparável da reprodução de regimes subalternizantes. Por isso o conceito de saberes situados acabou se limitando a reproduzir a hipervisibilidade da posição subalterna como objeto discursivo, sem criar condições para que, ao situar-se, os sujeitos posicionados em relação de privilégio perante a cisnormatividade, a heterossexualidade e a supremacia branca fossem capazes de perceber a própria posição (MOMBAÇA, 2017).*

Emmanuel Levinas (*me diz assim:*) Se todos forem fiéis à verdade de sua anatomia ou de seu registro corporal, não teremos mais que vozes fiéis. A fidelidade pressupõe que há uma essência de mim sólida, ininterrompível. Supõe que estamos prontos, que estamos terminados, que somos obras acabadas e que é possível que haja uma imagem completa de mim; uma essência. A essência é alguma coisa que nos é própria e que, ao mesmo tempo, nos torna redundantes para o mundo. Não nos incumbimos mais de nada. Há uma indignidade na fidelidade a si mesmo. Para quem pode ser interrompido, para quem não está à beira da inanição pelo menos. Minha própria voz é alheia, é a consagração da minha separação e da minha soberania e do meu domínio – da minha vontade e capacidade de encontrar para mim mesmo um lugar ao sol. Mas ter um lugar ao sol não é justiça, é ter um lugar ao sol. É ter um espaço onde minha liberdade não fica investida, não responde. Um lugar ao sol é o começo da usurpação de toda a Terra, me disse assim Pascal.

Alúrio (*me diz assim:*) Sexo. Tem a minha vida sexual e tem a vida sexual dos outros. Dos outros, das outras, des outros. Se o sexo é acoplamento entre um lugar e outro lugar, não tem interrupção. Tem coreografia de anatomias ou de destinos. Mas sexo nunca é isso – ainda que achamos que deveria ser, que poderia ser, que para algumas pessoas é. No meu caso, tem o meu prazer e tem o prazer de quem está comigo. E aqui tem fala, tem escuta, tem resposta. Não tem lugares. Tem troca de lugares, de posições, de cheiros, uma coreografia de respostas e de interrupções. A erótica da política não pode ser hetero. Não pode ser patriarcal. Ela é de contágios, de muitas vozes, todas se interrompendo. É o patriarcado que trepa com lugares definidos, que traz o poder pra cama, que tira a roupa e não faz sexo, faz gênero...

Patrícia Tomasquim (*me diz assim:*) Não sei se eu gosto ou não gosto de lugar de fala. Mas é importante porque sempre houve tutela sobre certas vozes públicas, por isso a noção de lugar de fala é central para a insurreição feminista. Gosto da atitude do Não Fale De Mim Sem Mim. É um grupo de pessoas postas de lado pela vida da cidade e elas dizem: não me façam de tema, elas dizem, venham conversar comigo; não dizem parem de falar, dizem, venham conversar comigo. A conversa é a interpelação mútua das vozes – e a conversa é bastante difícil. Mas a conversa vem antes dos temas, do que fica dito – a conversa é interminável. Levinas me disse assim que o dizer nunca

se acaba no fica dito, o dizer é suspenso. De mim que falem, mas comigo, em uma conversa que não vai me condensar em um ponto onde eu fico alfinetada em um mapa das diferenças reconhecidas.

Duda Milonga (*me diz assim:*) Lugar de fala é uma herança da ideia de que a consciência tem uma voz. É uma ideia antiga, a ideia da voz que ela mesma é justa. Uma ideia patriarcal, monoteísta, monofônica. Depois tem a consciência de classe: toda uma classe com uma só voz. Mas a consciência não tem uma voz, talvez tenha um ouvido. Ou se tem uma voz, é a voz que não sai da sua boca, que reverbera em seu tímpano. A consciência da classe operária não é uma voz da vanguarda, é estar com os ouvidos cheios da voz do patrão – a mesma voz na igreja, no emprego, na rua, na escola, na família. Não estou pensando no lugar de fala como representação em oposição às muitas falas de todos os grupos, mas estou falando da escuta. A política é uma questão de afinamento, de audição, de ouvir o som ao redor.

Aline Valério (*me diz assim:*) O lugar de fala é um exercício de espectrologia – é uma estereoscopia: ouvir o que se fala e ouvir quem fala. Toda fala tem um significado porque tem um locutor e tem quem ouve, é uma interlocução. Uma voz se torna outra voz depois que uma segunda voz é ouvida. Ninguém ouve mais Gloria Steinem do mesmo modo depois de ouvir Patricia Hill Collins, depois de ouvir Julia Serano, depois de ouvir Laverne Cox. É uma interlocução, e quando se conversa sabemos de onde vem a voz. Uma voz interrompe outra, e vem de um lugar. Nenhuma fala é um relato, todas são discursos. Mas os discursos precisam ser ouvidos. E os ouvidos tem vozes.

Lelia Gonzalez (*me diz assim:*) *O lixo vai falar, e numa boa* (GONZALEZ, 1984: 225).

Djamila Ribeiro (*me diz assim:*) *Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. Como diz a Patricia Hill Collins, o lugar de fala não é sobre uma pessoa com direito a fala, é sobre um rastro de representação de um grupo, que de alguma forma se agarra aquele lugar por onde sua fala foi silenciada. Como explica Collins, a experiência de fulana importa, sem dúvida, mas o foco é justamente tentar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha ainda como grupo. Reduzir a teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala somente às vivências seria um grande erro, pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala, à humanidade. O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso. E sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas pessoas. Mas o fato dessa pessoa dizer que não sentiu racismo, não faz com que, por conta de sua localização social,*

*ela não tenha tido menos oportunidades e direitos (RIBEIRO, 2017: 43). O contrário também é verdadeiro: por mais que pessoas pertencentes a grupos privilegiados sejam conscientes e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas, estruturalmente falando, pelas opressões que infligem a outros grupos. O que estamos questionando é a legitimidade que é conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder (RIBEIRO, 2017: 44).*

Herculina Barbitúrico (me diz assim:) Em geral, as pessoas pensam que a fala e o lugar dela estão em paralelo – raramente estão. Às vezes, há um conflito de morte entre o que falamos e o lugar de onde falamos. Aliás, a representação só é possível se houver imaginação. Queremos falar para nos imaginar destruindo o lugar de onde nos puseram para falar. Essa polifonia é que precisa ser escutada. Não para corrigí-la, mas para escutá-la.

Gayatri Spivak (me diz assim:) *O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher-negra, pobre” como um item respeitoso na lista de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio. (SPIVAK, 2010: 126).*

Audre Lorde (me diz assim:) [...] *sei que se eu, Audre Lorde, não definir o que sou, o mundo exterior decerto o fará e, como cada uma de vocês descobrirá, provavelmente definirá todas nós, para nosso prejuízo, como indivíduo ou como grupo (LORDE, “Minha poesia e autodefinição”, em *Sou sua irmã*, p. 88). Ou nós nos definimos ou seremos definidas e engolidas. Uma voz não vem de um lugar, ela está criando um lugar, instalando um lugar, montando um lugar.*

Aline Valério (me diz assim:) *Não estamos nos ocupando um lugar, estamos inventando um lugar. Cada fala, cada gesto, inventa esse lugar. Mas eu penso que cada palavra, cada vez que cada palavra é proferida, tem um lugar de fala próprio. É dessa dissonância que nós falamos. E a dissonância é difícil de escutar.*

Audre Lorde (me diz assim:) *Sermos mulheres juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos garotas lésbicas juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos negras juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos mulheres negras juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes. Sermos lésbicas negras juntas não era suficiente. Nós éramos diferentes. Demorou algum tempo até percebermos que nosso lugar era a casa da diferença ela mesma, ao invés da segurança de qualquer diferença em particular. (Poema de Audre Lorde, LORDE, 1982).*

Herculina Barbitúrico (me diz assim:) *As palavras, às vezes, parecem poder mais do que as pessoas. Charles Sanders Peirce uma vez escreveu que pessoas e palavras se educam mutuamente. Falas criam lugares, mas lugares também criam falas...*

Riki Wilchins (me diz assim:) Talvez eu seja interssexual ou bissexual ou queer ou todas essas coisas juntas. Talvez, por propósitos políticos, eu sou quem quer que esteja subrepresentado ou sozinho na sala. A ideia de que qualquer um de nós – de infinitas e complexas faces como somos – consinta em habitar identidades parece ridícula para mim. Minha resposta seria perguntar porque [alguém] precisa que eu produza uma identidade sexual ou de gênero. Eu sou o que você vê. [... M]uitas pessoas escolhem suas identidades; outras apenas acreditam que fazem isso. Em todo caso, eu certamente defendo e respeito o direito de qualquer um de identificar. Mas me parece que se você está na luta ativista, você deve examinar de perto a identidade que você quer mobilizar. Frequentemente, permitimos ser identificadas por nossa opressão: nos tornamos a opressão usada contra nós. Oprima-me pelo meu gênero, eu me torno “transgênero”. Aí a identidade transgênero se torna mais uma categoria naturalizada, como macho ou fêmea. É uma melhora? E se a resposta é sim, isso é o melhor que podemos fazer? [...] Tem uma velha piada que ilustra o que eu quero dizer. Um velho conversa com um jovem em um bar. Olhe essa bancada, macia, confortável, eu cortei a madeira com minha mão e moldei a peça com meus braços em oito dias de trabalho pesado. É uma obra de arte. Mas me chamam de McGreggor-construtor-de-bancada-de-bar? Não. Aí ele aponta para o mar e diz, olha ali, senhora, aquele pier maravilhoso que vai até onde os olhos podem ir. Eu construí esse pier, tábua por tábua, o melhor pier da região. Mas me chamam de McGreggor-construtor-de-pier? Não. Aí ele olha nervosamente ao redor e se abaixa em direção ao jovem se assegurando que ninguém mais está prestando atenção e diz, “mas você trepa com uma ovelha”.. (WILCHINS, 1997: 185-187. Tradução minha).

Leila de Oxumaré (me diz assim:) O lugar de fala é o nome de um pedido: diga de onde você vem. É que os brancos, homens, cis, querem deixar entender que não veem de parte alguma. Eles são os originais porque não tem origem – são os livres, os emancipados que, por isso, podem pensar livremente, os que se libertaram de seus grilhões e nem mais sentem o peso da sua história porque pagaram com um certo anomimato por sua autonomia. Eles deixam subentender que seu discurso não tem rabo preso já que eles falam apenas em nome de sua cabeça, que já descartou sua ancestralidade como uma biografia irrelevante. Os brancos, homens e cis dizem que pensam porque nasceram e vão morrer – todo o resto são minúcias curiosas mais irrelevantes. Pois pedimos a eles que digam que eles são assim e que todas nós não somos, que nós sim temos o rabo preso – o rabo encurralado, eu diria. Dificilmente podemos pensar porque temos que dar o rabo para poder parar de passar fome. O lugar de fala é também uma tomada de posição: há uma vantagem em ter o rabo preso, o pensamento sem rabo preso não tem lastro. O lugar de fala é também uma denúncia. Quando estes homens, brancos, cis me deixam entender que não importa de onde eles veem, eles continuam fazendo o jogo dos que acham que são melhores – mas não são. Quando eles acreditam no direito de todas nós termos uma voz – e se oferecem para serem nossos porta-vozes, mesmo com toda fidelidade – eles se apresentam como universais. Nós somos as particulares do universal deles. Este desequilíbrio de poder de fala é que me parece o mais grave... Pode parecer que dizer que o pensamento com rabo preso é melhor é, para nós, legislar em



causa própria. Porém eu acho que o pensamento sem uma situação é frequentemente enganador – ele começa com um ocultamento (de si mesmo). Não quero falar contra todo universal, mas o universal é um ponto de vista que precisa ser alcançado, não é um ponto de vista sem ponto, uma vista de ponto algum.

Djamila Ribeiro (*me diz assim:*) *Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem* (RIBEIRO, 2017: 53).

Georges Bataille (*me diz assim:*) Só há uma comunidade que não seja uma unidade quando a comunidade é a comunidade dos que não tem comunidade. Dos que não se reúnem em torno de uma partilha ou de uma falta manifesta, mas que ao se encontrarem, encontram um excesso que é o que instaura mesmo uma insuficiência.

Shaltiel Abravanel (*me diz assim:*) Quando os judeus foram para a Palestina e estavam sendo ensinados a serem pessoas com nacionalidade e com terra – com solo e sangue – lhes disseram: é preciso que vocês tenham o discurso de quem fala por si, de quem não abaixa a cabeça ao entrar na câmara de gás, mas que gritam por seus direitos. Os judeus tinham que aprender a terem orgulho de si mesmos porque, se não tiverem orgulho, não terão uma nação – e nem uma identidade. Os anti-semitas diziam que os judeus eram desenraizados, sem lastro, que não eram porta-vozes de um solo e que, por isso, tinham um sangue errante. Os sionistas ofereceram aos judeus um solo – e disseram: defendam-se e tenham este solo como seu refúgio último. É como se eles fossem a desistência de defender a errância. E passaram a ser os algozes dos novos errantes – os palestinos, que recebem o mesmo tratamento que eles receberam por estarem em toda parte fora de lugar. E mais, Israel fez com que os judeus abraçassem as coisas dos que os perseguiram: símbolos nacionais, heroísmo pela terra e a perseguição do estrangeiro que ameaça sua identidade desafiando seu direito à terra. O sionismo tornou os judeus guardiões de sua identidade – e, como com todos os guardiões, eles descobriram que a tarefa facilmente se torna um trabalho de tempo integral. O lugar de fala tem um elemento sionista: a fala se torna uma arma - e ela é sempre uma arma – que tem que estar sempre de prontidão. Quem monta um exército corre o risco de ele preparar um golpe de estado.

Emmanuel Levinas (me diz assim:) *Ser verdadeiramente si mesmo [pode se tornar] não mais um voo para além das contingências, sempre estrangeiras à liberdade de um Eu, mas ao contrário a tomada de consciência de grilhões originais inevitáveis, únicos ao nosso corpo e sobretudo aceitar esses grilhões. [...] o poder de duvidar se torna assim uma falta de convicção* (LEVINAS, 1997: 19-20. Tradução minha).

Thiago Pinho (me diz assim:) *Engels, um empresário do século XIX, companheiro de Marx em seus escritos, escreveu um livro chamado a “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, em 1845. Livro incrível, com uma sutileza fora do comum, mas temos aqui um problema... Ele não era um proletário, um trabalhador como os outros. Kafka escreveu um ensaio chamado “A Toca”, onde conta a história de um animal indefinido, mas cheio de energia. História incrível, com uma sutileza fora do comum, mas temos aqui um problema... O autor não era um animal. Em outro conto, chamado “Odradek”, Kafka narra as aventuras de um objeto esquisito, difícil de definir, como é de costumes no universo kafkiano. História incrível, com uma sutileza fora do comum, mas temos aqui um problema... O autor não era um objeto. Dostoiévski escreveu um livro chamado “Bobok”, onde narra a experiência de pessoas numa espécie de limbo, logo após suas mortes. Livro incrível, com uma sutileza fora do comum, mas temos aqui, mais uma vez, um problema... O autor não estava morto* (PINHO, 2020).

Djamila Ribeiro (me diz assim:) *O medo branco em ouvir sobre os segredos sujos muitas vezes provoca uma antecipação: é melhor que eu fale pelos outros, à minha maneira, para que os outros já se tornem redundante. É preciso que eu me antecipe, que eu me coloque no lugar deles para que eles não retirem meu lugar (de fala). É claro que não é essa a trama por trás de toda pessoa branca falando pelas pessoas negras, mas é uma trama. E mais do que isso, é uma suspeita que não para de pairar por entre os lugares de fala. E enquanto a suspeita pairar, a confiança na fala dos que tem um lugar privilegiado tem que ter um pé atrás. (Ainda que este pé atrás assuste quem quer ajudar na luta contra o racismo desde seu próprio lugar de fala privilegiado.)*

Tatiana Nascimento (me diz assim:) *Sobre “acidentes acontecem” y a política do desprezo racial não ser crime no brasil da democracia racial: qdu tinha 11 anos comecei a estudar no plano piloto, o centro da cidade, lugar de prédios ricos, y conheci uma amiguinha na escola que morava numa daquelas superquadras. depois da aula eu ia às vezes na casa dela, nunca tinha entrado num apartamento daqueles. foi a primeira vez em que comi gorgonzola na vida, que ela esquentava no microondas sobre uma torrada, y também qdo ouvi ella fitzgerald, que é preta, pela primeira vez. o pai dela dizia que minha poesia o fazia se lembrar de florabela espanca, que eu também não conhecia. eu era só uma criança parda crescida nas satélites, orbitando o plano piloto y sua burguesia branca. no dia seguinte à morte de miguel octávio, assassinado pelo desprezo da patroa branca de sua mãe, tive que ler da fulana em que a amiguinha cresceu pra tornar-se: “sinto muito pelo menino miguel. entendo todos os argumentos e todo o contexto do racismo estrutural, classismo, mas não acredito que essa mulher julgasse que algo tão ruim*

396

podia acontecer. acredito que ela achou que ele ficaria perdido, choraria, mas que, enfim, alguém levaria o menino de volta para casa, ou ele aprenderia a voltar. o prédio deve ter segurança e ela pode ter pensado que do portão ele não passava. digo isso porque, na infância, conheci muitos pais de amigos que ‘educavam’ assim. aos cinco anos de idade me vi inúmeras vezes nessa situação: sozinha em elevadores e em muitos outros lugares. ninguém queria me matar por isso. pode ser que todo mundo aqui tenha razão, que ela não se importasse, mas prefiro acreditar na humanidade das pessoas”. comentei que essa fala era muito racista e que a ia bloquear porque estou cansada de me adoecer com o cinismo humanitarista das pessoas brancas. no brasil, racismo é crime. mal-julgado, subnotificado, ridicularizado, mas é crime. o racismo é entendido como crime de ódio, não de desprezo. obrigar uma funcionária doente de covid a trabalhar tem a ver com o racismo como desprezo racial y de classe, o que é vil, aberrante, desumano y terrível, mas não é crime no brasil. hoje em dia já é difícil conseguir uma sentença que criminalize alguém que xinga abertamente uma pessoa negra de macaca ou preto feio. ainda mais difícil é mostrar a articulação da psiquê colonial FORJADA NO SADISMO VISUAL DE 300 ANOS DE TRÁFICO, EXPLORAÇÃO ESCRAVIZADA Y PUNIÇÃO FÍSICA/MORTE DE PESSOAS NEGRAS TRATADA COMO ESPETÁCULO ao tipo de discurso que transcrevi ali. é difícil porque vivemos no meio do mundo branco. todas as pessoas, brancas ou negras, ou indígenas, ou amarelas, ou ciganas y outras raças-etnias que eu não sei nomear, vivem no meio do mundo colonial de supremacia branca que aprendeu a nos odiar de formas explícitas y que depois de séculos seriam, algumas, consideradas crimes; y de formas veladas que não são consideradas crimes. mas sim “acidentes”, “descuidos”, “acaso”, “desmotivadas”. só uma pessoa branca que cresceu na porra da 109 sul da asa sul de bráília, com aqueles prédios enormes y apartamentos onde as crianças comem gorgonzola esquentado no microondas ouvindo ella fitzgerald na hora do lanche y ouvindo o pai ler florbela espanca, só pessoas que são brancas y criadas na ilha da fantasia que o racismo cria pras pessoas brancas, é que não acham brutal y criminoso o fato de uma mulher igualmente branca ter um cachorro provavelmente comprado com o qual ela mesma não desce y negligenciar o cuidado com uma criança negra de cinco anos num prédio em que ela não mora, com elevadores que ela não conhece, porque elas todas, as pessoas brancas que assistem isso y querem apelar pra humanidade descuidada da assassina branca de uma criança preta, foram ensinadas a nos desprezar. a não entender que somos humanas. que crianças humanas pequenas precisam de supervisão, INCLUSIVE AS NEGRAS, y cuidado constante, que não devem ser largadas em elevadores nem que esse seja o projeto de educação que elas brancas têm pra suas próprias crias (até pq não se tratava da cria dela); só as pessoas brancas no brasil colonial branco supremacista é que acham que foi um acidente uma mulher adulta branca largar uma criança negra de cinco anos sozinha num elevador y acham que estão isentas de sua própria branquitude ao lamentar muito a morte da criança como se fosse natural. como se o desprezo racial não fosse programado y premeditado y reentaldado enquanto elas assistem “jornal policial” na hora do almoço um mar de corpos pretos mortos. só as pessoas brancas, com sua psiquê racista colonial, é que tentam relativizar mortes negras causadas por brancas, porque de verdade nossa vida não importa a elas,

y começar uma postagem falando o nome de uma criança negra morta por uma mulher branca pra defender o direito “de errar”, “cometer acidentes”, “ser humana” da mulher branca que matou a criança negra é também parte da política branca de desprezo racial y uso de nossas mortes como alegoria pra defesa de suas preciosas vidas brancas. a mulher pagou 20 mil reais, que ela por acaso tinha em sua conta bancária, y a reportagem que eu li dizia que o que ela fez “PODE SER CONSIDERADO NEGLIGÊNCIA”, assim, super ameno. porque cada vez menos é sobre miguel, joão, demétrio, marielle, george, são muitos nomes, que me cortam ao lembrar, y cada vez mais é sobre o surto de consciência branca antirracista que elas tão tendo 520 anos depois, meio milênio depois, do mundo que as faz viver como humanas y nós como lixo desprezável y mortes acidentais y seus eu-sinto-muito significando que a cada vez que elas aprendem com nossa dor se tornam “humanas melhores”. o antirracismo de vocês é impossível porque vocês são brancos vivendo num mundo supremacista que mata, despreza, explora, desumaniza quem não seja vocês, pra que assim vocês possam viver. sentir muito não muda nada disso. uma criança negra morreu porque uma mulher branca pôde desprezar sua vida y não ter sua cara estampada em todos os jornais como monstra assassina (o que não estou dizendo que ela seja ou não, mas é como a mídia gosta de falar de mulheres que matam crianças). uma mulher branca foi DIRETAMENTE responsável pela morte de uma criança negra de cinco anos y há pessoas brancas que querem culpar a mãe da criança por ser empregada doméstica y o quê, não ter dinheiro pra pagar uma creche? y em tempos de pandemia ter que levar sua criança pro trabalho? tb foi culpa da doméstica que a patroa comprou um cachorro y não quis descer com ele? (NASCIMENTO, 2020).

Lucia Garrido (me diz assim:) O lugar de fala deixa explícita a transversalidade do discurso – a polifonia recalcitrante, a dissonância que não cede... É sobre sensibilidades em fricção, sobre sensibilidades que, por isso mesmo, se interrompem e se alteram. O lugar no lugar de fala é a sensibilidade da fala; aquilo que não importa para a patroa da mãe de Miguel ou para a amiga de infância da Tatiana, é saliente para Tatiana. De que lugar se vê o assassinato racista que foi cometido contra Miguel? Mas se só há lugar de fala para a patroa – ou para quem a desculpa – ninguém vê o que aconteceu.

Antonin Artaud (me diz assim:) Se uma fala não tem um lugar, se ela se apresenta como vinda de parte alguma, ela logo incorpora todos os lugares, todos os pronomes e se torna um rolo compressor que termina em uma voz monocórdia, em um veredito monofônico. Bilhões de lugares de fala corróem o juízo todo inapelável de Deus.

Emmanuel Levinas (me diz assim:) Quando me preocupo com estar encurralado em uma lugar de fala, me preocupo comigo. Quem me interpela, quem me interrompe pode falar de todos os lugares e destituir tudo o que eu falo. Há apenas um limite, a justiça; a justiça não é a minha liberdade de abandonar minhas cadeias e minhas amarras, a justiça é que a destituição do que eu falo tenha também os olhos de um terceiro, de quem não está nem me interrompendo e nem sendo representado pela interrupção.

Quanto a tudo aquilo que me destitui, não me cabe dizer o que está no lugar e o que está fora do lugar. Sou refém de qualquer lugar de fala dos outros.

Julio Cabrera (me diz assim:) *[S]e toda universalidade filosófica é constituída historicamente a partir de circunstâncias e perspectivas, resulta pelo menos enigmática a ideia de que a história da filosofia europeia possa ser detentora exclusiva da universalidade da filosofia; o máximo que se poderia dizer é que ela seria apenas uma das criadoras e cultoras de universalidade filosófica ao lado de outras pensadas a partir da África, da Ásia, da América Latina e do Caribe, surgidas de outras circunstâncias pensantes (como veremos, o ponto geográfico é parte da circunstância pensante, mas não se identifica com ela). Assim, quando se diz, por exemplo, que os mecanismos transcendentais do conhecimento tais como apresentados por Kant e filósofos pós-kantianos são universais, no sentido de se aplicarem aos seres humanos de qualquer latitude, isto deve ser visto como uma pretensão que não forçosamente se cumpre (poderia haver grupos humanos, como certas tribos indígenas, cuja mente não funciona segundo o aparato transcendental kantiano)<sup>10</sup>; mas, ainda que se aceite que esses mecanismos se apliquem a todos os seres humanos, isso não dispensa a pergunta acerca de onde surgiu a ideia da necessidade de um aparato transcendental e de por que Kant sentiu-se impelido a responder a essa questão, quando pensadores cem anos anteriores a ele sequer a visualizaram. Essa ideia tem um aferente e uma circunstância pensante que não é externa ao pensamento, no sentido de ela ser um componente do adequado entendimento do mesmo. [...M]esmo que seja fato incontestado que o pensamento europeu gerou pensamentos universais, em primeiro lugar ele o fez desde a sua própria circunstância e perspectiva —como é inevitável— e, em segundo lugar, não foi o único setor do planeta que conseguiu fazê-lo (CABRERA, 2015: 10-12).*

Delgária Sabina (me diz assim:) Lugar de fala sempre existiu, os que falam com o saber e os que falam sem o saber – opinião e conhecimento, a suposta autoridade, nada mais antigo. Hoje se dá nome aos bois – branco, homem, cis, eurocêntrico, colonial. Por isso há uma fúria de quem ocupava um lugar indiscutido e invisível e agora tem que assinar suas palavras com um privilégio que não se disfarça mais. O poder é sempre aquele que ama se esconder, que gosta das moitas, das sombras. Quando colocamos as nossas vozes com nome e endereço elas perdem sua força universal, mas quando colocamos as vozes deles com nome e endereço elas também perdem a força do universal. Que se foda o universal, ninguém vive nele. Se tiver algum universal, ele passa pelas nossas vísceras, entende?

Jacques Rancière (me diz assim:) Existe política porque o comum é dividido. Trata-se de um conflito acerca de quem fala e quem não fala, sobre o que se ouve como voz de dor e o que se ouve como argumento pela justiça. Quando as vozes excluídas falam, o resultado é o conflito. O dissenso é onde tudo começa – onde a partilha do comum tem lugar. E é a partir dele que aparece a política e a polícia. Ambas regulam as falas

e as modalidades de escuta, ambas decidem como se escuta e como se fala para ser escutado. Quem é excluído e quem pode ainda bater a porta (ver RANCIÈRE, 2011).

Delgária Sabina (*me diz assim*:) Falar de lugar de fala é deixar que o discurso dos interrogatórios, das delegacias policiais, dos incriminados e dos condenados virem política. É uma operação de fala, que nos faz políticos – e não prisioneiros da polícia. Talvez devêssemos ouvir as outras falas políticas como se a polícia andasse atrás delas. Por enquanto, queremos apenas que as nossas falas estejam fora do radar policial. Se você me escuta não como um erro, o que passa a ser aquilo que você tomou como acerto?

Leila de Oxumaré (*me diz assim*:) O lugar de fala também é uma construção total – todo discurso é indexado por sexo, classe e raça etc. Mas quem fala sobre o lugar de fala? Prefiro pensar que a fala é localizada, toda fala, até a fala sobre lugar de fala. Mas tem muito mais localizações numa fala do que o lugar de fala – tudo o que eu falo, é igualmente localizado. E o lugar de fala não substitui a fala.

Delgária Sabina (*me diz assim*:) O lugar de fala é o começo da história. Política? Só existe nos começos de história. Os fins são catástrofes caóticas ou catástrofes ordenadas (ou organizadas). Não gosto dos fins. Gosto do que insiste em começar. E assim: começar de outro lugar.

## Referências

BENSUSAN, Hilan, Leonel ANTUNES & Luciana FERREIRA. *Heráclito: Exercícios de anarqueologia*, São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

BINNIE, Imogen. *Nevada*, Nova Iorque: Topside Press, 2013.

BORGES, Fabiane & Hilan BENSUSAN. *Breviário de Pornografia Esquizotrans*, Brasília: Ex-Libris, 2010.

CABRERA, Julio. “Europeu não significa universal. Brasileiro não significa nacional”, *Nabuco – Revista Brasileira de Humanidades*, nº2, 2015, p. 1-46.

DOLEZAL, Rachel. *In Full Color: Finding My Way in a Black and White World*, Dallas: Benbella, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 225. Disponível em: <<https://goo.gl/VFdjdq>>. Acesso em: 25 set. 2017.

KAY, Jackie. *Trumpet*. Nova Iorque: Picador, 1998.

LEVINAS, Emmanuel. *Quelques réflexions sur la philosophie de l'hitlerisme*, Paris: Payot & Rivages, 1997.

LORDE, Audre. *Zami: A New Spelling of My Name*. Boston: Persephone Press, 1982.

MOMBAÇA, Jota. “Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala” in Buala, portal transdisciplinar e colaborativo. Acessado em <https://jotamombaca.com/texts-textos/notas-estrategicas/> em 15 de agosto de 2020.

NASCIMENTO, Tatiana. “não foi um acidente”, no blog Palavra Preta, disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/author/tateann/>, acesso em 24 de julho de 2020.

PINHO, Thiago. “6 problemas com o conceito de lugar-de-fala”, em <https://www.soteroprosa.com/single-post/2020/07/23/6-PROBLEMAS-COM-O-CONCEITO-DE-LUGAR-DE-FALA> acessado em 23 de julho de 2020.

RANCIÈRE, Jaques. “The Thinking of Dissensus: Politics and Aesthetics,” in *Reading Rancière*, eds. Paul Bowman and Richard Stamp, London: Bloomsbury 2011.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravory. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2010

TUVEL, Rebecca. “In defense of transracialism”, in: *Hypatia*, 32, 2, 2017, pp. 263-278.

WALKER, Alice. “Apresentando Luna a Ida B. Wells”, in *Ninguém segura essa mulher*, trad. Betúlia Machado e Maria José Silveira, São Paulo: Marco Zero, 1987.

WILCHINS, Riki. *Read My Lips: Sexual Subversion and the End of Gender*. Ithaca: Firebrand, 1997.